



Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Centro de Ciências humanas Letras e Artes - CCHLA
Departamento de Psicologia

Luciano Barreto Resende

**Relação entre a Percepção de Cenas de Interações Sociais e Personalidade em
Adolescentes**

Trabalho de conclusão de curso com o objetivo da obtenção da graduação em Psicologia

João Pessoa
2021

Relação entre a Percepção de Cenas de Interações Sociais e Personalidade em Adolescentes

Luciano Barreto Resende

Aprovado em: 10/12/2021

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdinho (Orientadora e presidente da banca)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Me. Gleiciano Rodrigo Moraes de Sousa (Doutorando do PPGNeC)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Gisele Menezes da Silva (Mestranda do PPGNeC)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

As interações sociais estabelecidas entre as pessoas são modulados em razão de traços de personalidade das mesmas. Esta pesquisa é um estudo piloto que busca investigar as relações entre a personalidade e a auto identificação com os estilos comportamentais passivo, agressivo e assertivo, em adolescentes. Para acessar a personalidade foi utilizado o BFI-20, que é uma versão mais curta do BFI. Para avaliar a auto identificação com os estilos comportamentais, foram criadas vinhetas que representam os respectivos estilos comportamentais. Essas vinhetas, consistem em três imagens sendo a primeira o contexto de uma situação de interação social entre adolescentes, a segunda uma agressão realizada por um dos personagens a outro e a terceira, o desfecho, em que o personagem que sofreu a agressão responde de forma passiva, agressiva ou assertiva. Elas foram mostradas para os voluntários e após sua visualização foram feitas quatro perguntas relativas a se agiriam da mesma maneira, e como se sentiriam ao realizar a ação. Foi identificada uma correlação moderada negativa entre o fator de personalidade neuroticismo e a probabilidade de agir da mesma forma nas vinhetas com desfecho agressivo. Este trabalho sofreu diversas mudanças por conta da pandemia do COVID-19 e os resultados podem estar influenciados por esse contexto.

Palavras-chave: Personalidade, Comportamento Agressivo, Adolescentes

Abstract

The social interactions established between people are modulated due to their personality traits. This study is a pilot study that seeks to investigate the relationship between personality and self-identification with passive, aggressive and assertive behavioral styles in adolescents. To access the personality, the BFI-20 was used, which is a shorter version of the BFI. To assess self-identification with behavioral styles, vignettes representing the respective behavioral styles were created. These vignettes consist of three images, the first being the context of a situation of social interaction between teenagers, the second an aggression made by one of the characters to another and the third, the outcome, in which the character who suffered the aggression responds in a passive, aggressive or assertive manner. They were shown to the volunteers and after viewing them, four questions were asked regarding whether they would act in the same way, and how they would feel when performing the action. A moderate negative correlation was identified between the neuroticism personality factor and the likelihood of acting in the same way in vignettes with an aggressive outcome. This work underwent several changes due to the COVID-19 pandemic and the results may be influenced by this context.

Keywords: Personality, Aggressive Behavior, Adolescents

1 Introdução

As habilidades sociais (HS) são um dos principais elementos que permitem o estabelecimento de relações sociais entre os seres humanos (Del Prette & Del Prette, 2017). O

baixo desenvolvimento dessas habilidades em crianças está associado a baixo status social, relações interpessoais empobrecidas com autoridades ou colegas, solidão, agressividade, imaturidade e menor orientação para a tarefa, podendo-se considerar que tais déficits são um fator de risco para o desenvolvimento social (Del Prette, De Oliveira Barreto & Freitas, 2011).

Na adolescência, o desempenho das HS varia de acordo com as condições ambientais a que os indivíduos são expostos. Tanto o tipo de escola, se pública ou privada, como a idade são fatores que se relacionam com o desempenho dessas habilidades (Machado, Alves & Caetano, 2020).

Estudos com adolescentes em instituições de acolhimento, demonstram a importância de figuras de apoio para o desenvolvimento de boas HS. Ligações afetivamente duradouras com figuras parentais, ou mesmo figuras significativas, são de vital importância para o desenvolvimento de HS e na melhor capacidade de criar e manter relações interpessoais significativas. Os grupos de pares também têm um papel importante principalmente na exploração dessas habilidades e na estruturação interna da construção emocional (Mota & Matos, 2010). Também há uma relação entre as HS e o desempenho escolar (Silva, Pereira & Donatto, 2021).

Segundo Teixeira, Del Prette e Del Prette (2016), existe uma distinção entre desempenho social, HS e competência social: a primeira se refere a qualquer comportamento ou sequência de comportamentos em uma situação social, já as HS se referem ao repertório de habilidades que o indivíduo possui para interagir em situações sociais, e por fim, a competência social tem um caráter avaliativo baseado no resultado do comportamento tanto para o indivíduo como para o grupo.

Um componente muito importante das HS é a assertividade, que pode ser descrita como a habilidade em demonstrar sentimentos e desejos apropriadamente, defender os próprios direitos enquanto respeita os dos outros (Teixeira, Del Prette & Del Prette, 2016). Este estilo de comportamento é muito importante para a socialização e para o desenvolvimento de melhor convivência com seus pares (da Silva Maia, & Bortolini, 2012).

Comportamentos não assertivos, denominados passivos e agressivos podem resultar em prejuízo nas relações interpessoais, de modo que componentes importantes da assertividade são a superação da passividade e o autocontrole em relação a agressividade e outros comportamentos não habilidosos.

Estudos demonstram que existe uma relação entre personalidade e as HS (Mota & Ferreira, 2019). No modelo dos cinco grandes fatores, a socialização (por vezes traduzido como amabilidade) é um dos componentes da personalidade que descreve justamente a qualidade das relações interpessoais que um indivíduo é capaz de manter. Quanto maior a pontuação neste fator, melhor tendem a ser as relações interpessoais, pois apresentam maior agradabilidade social, amabilidade, altruísmo, cuidado com os demais, amor e apoio emocional. Quanto mais HS, maior a tendência de ser atencioso, compreensivo, empático e agradável (Bartholomeu, Nunes & Machado, 2008).

Existem muitas teorias da personalidade com várias nomenclaturas diferentes. Alguns termos têm significados completamente diferentes e em outros casos, termos diferentes possuem significados bastante semelhantes. Com isso, surgiu a necessidade de uma taxonomia da personalidade para descrever os traços de forma coerente, permitindo que os pesquisadores estudem domínios específicos da personalidade, com um vocabulário padrão, ao invés de investigar milhares de atributos diferentes. Com este objetivo, o Big Five foi desenvolvido e obteve bastante consenso entre pesquisadores, com dimensões que não representam teorias específicas, mas derivam da linguagem comum, de termos usados para a descrição de pessoas. Depois de décadas de pesquisa, foram identificados cinco fatores que ficaram conhecidos como os cinco grandes fatores de personalidade: extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à mudança. Essas dimensões representam a personalidade em suas dimensões mais abrangentes, e cada uma possui uma grande quantidade de características de personalidade. Estes cinco fatores se mostraram consistentes em diferentes línguas e culturas (John & Srivastava, 1999).

Indivíduos com alta **extroversão** tendem a ser mais gregários, ter facilidade de liderança e em se conectar com outras pessoas. **Amabilidade** engloba fatores como ser cooperativo, confiável, altruísta e de confiança. Os que pontuam alto em **conscienciosidade** tendem a ser mais afetuosos e cuidadosos, além de ter boa autoeficácia. O **neuroticismo** se caracteriza por uma maior propensão de sentir afetos negativos como ansiedade, depressão e vergonha (*self-consciousness*). Indivíduos com alta pontuação nesse traço podem ter dificuldade para serem assertivos e podem ser submissos nas relações interpessoais. A **abertura a mudança** engloba uma tendência a ser mais aventureiro, ter alta inteligência e interesse por arte (Du, Yardley & Thomas, 2021).

O modelo dos cinco grandes fatores é mais adequado para estudos que investigam a variação da personalidade em populações, não sendo adequados para estudos que buscam os mecanismos da personalidade em cada indivíduo (Collins et al., 2017).

Mota e Ferreira (2019) investigaram o papel mediador que a personalidade tem entre as HS e estilos parentais, demonstrando que características positivas de personalidade predizem empatia, assertividade e autocontrole, assim como o neuroticismo prediz negativamente a assertividade e positivamente a empatia. Neste estudo verificou-se que a variável mediadora, no caso a personalidade, reduziu a relação entre as variáveis dependente e independentes. Verificou-se também que competências sociais estão positivamente relacionadas com os traços de personalidade extroversão, amabilidade e conscienciosidade e uma associação positiva da empatia e autocontrole com a abertura à experiência.

Considerando que a avaliação das HS, via de regra, é calcada nas situações de interação social, e certos componentes da personalidade parecem modular o estabelecimento de um melhor ou pior padrão de interações sociais, é relevante estudar as condutas que produzem uma melhor interação, e sua relação com os traços de personalidade. Apesar da existência, ainda que escassa, de literatura que relaciona as HS e personalidade (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001; Bartholomeu, Nunes & Machado, 2008), estudos que investigam a personalidade e aspectos da HS, ou mesmo as respostas comportamentais de assertividade, agressividade e passividade, através de cenas que retratem interação social, são uma lacuna importante na literatura.

Baseado nestes estudos, a hipótese do presente trabalho é que os traços de personalidade extroversão, amabilidade e neuroticismo tenham uma relação com os estilos comportamentais passivo, agressivo e assertivo, por serem bastante característicos das relações interpessoais.

O objetivo da presente pesquisa foi realizar um estudo piloto para investigar possíveis relações entre traços de personalidade e identificação com os estilos de comportamento passivos, agressivos e assertivos na visualização de cenas agressivas em adolescentes de 13 a 16 anos. Estudos dessa natureza podem contribuir com o escopo de pesquisas na área, e na investigação dos fatores de risco e de proteção para essa população, que está em uma fase da vida em que as relações sociais têm uma importância central para o seu desenvolvimento.

2 Método

2.1 Participantes

Para a participação do estudo piloto, foi apresentado o Termo de Consentimento livre e Esclarecido (TCLE) para os pais, por se tratar de voluntários menores de idade. O TCLE continha todas as informações necessárias sobre os procedimentos da pesquisa. Após o aceite do termo, foi enviado para o adolescente o Termo de Assentimento (TA) que explicava como seria realizada a pesquisa em uma linguagem acessível.

A população escolhida consistiu de 13 adolescentes de idade entre 13 e 16 anos ($M = 14,28$, $DP = 1,193$) dos quais 8 eram do sexo masculino e 5 do sexo feminino. A escolha desta faixa etária se deu de forma que abarcasse a adolescência inicial (10 a 14 anos) e média (14 a 16 anos) excluindo o período da adolescência final (17 a 20 anos), período no qual valores e comportamentos estabelecidos podem ser bem próximos dos da vida adulta (Grillo et al., 2012). Como critérios de exclusão, não participaram adolescentes com relato de transtorno psiquiátrico ou em acompanhamento psicológico, que utilizassem algum psicofármaco, ou que não tivessem acesso a um computador com webcam para responder ao experimento.

2.2 Instrumentos

Foi utilizado o questionário de capacidades e dificuldades (SDQ) para identificar comportamentos sociais adequados e não adequados (Fleitlich, Cortázar & Goodman, 2000), respondido tanto pelos adolescentes como pelos seus pais. O SDQ visa detectar desordens de conduta, hiperatividade, depressão e ansiedade (Goodman, 1997).

Também foi utilizado um questionário sociodemográfico com perguntas sobre renda, escolaridade, quantidade de pessoas que moravam na mesma casa, idade, sexo e se o adolescente estudava em escola pública ou privada. Este questionário era respondido pelos pais mas as perguntas eram referentes aos adolescentes.

Para acessar a personalidade dos participantes foi utilizado uma versão curta do Big Five Inventory (BFI) chamado BFI-20 com vinte questões (Gouveia et al., 2021). A adaptação deste instrumento foi realizada em dois estudos, no primeiro foram analisados a congruência dos itens do BFI para a população Brasileira. Todos os cinco fatores tiveram um bom nível de congruência, demonstrando que a estrutura do Big Five é adequada para a população brasileira apesar de alguns dos itens não terem um bom resultado. No segundo estudo, foram investigados os 20 melhores itens do estudo anterior, sendo cinco para cada fator, e testada a

congruência fatorial do BFI-20 para a população do nordeste do Brasil em relação aos dados nacionais do primeiro estudo. As propriedades psicométricas do BFI-20 foram consideradas adequadas e tiveram boa validade interna.

Foram utilizadas 13 vinhetas relacionadas aos contextos de interações sociais de adolescentes. Cada vinheta foi constituída por três imagens, nas quais sempre existiram dois personagens: a primeira imagem apresenta o contexto da vinheta, a segunda uma agressão entre os personagens e a terceira um desfecho que poderia ser uma resposta passiva, agressiva ou assertiva do personagem que sofreu a agressão na imagem anterior. As imagens não contém falas dos personagens, são coloridas, no tamanho 2405 px por 1373 px. A ordem das apresentações foi uma vinheta de treino assertiva, depois duas vinhetas passivas, duas assertivas, duas agressivas, uma assertiva, uma passiva, uma assertiva, uma agressiva e duas assertivas, com o total de 13 vinhetas, sendo 3 agressivas, 3 passivas e 6 assertivas além da de treino que era assertiva.

Para a construção das cenas, foram realizados quatro grupos focais com 12 adolescentes (4 no primeiro e no segundo e 2 no terceiro e no quarto) da mesma faixa etária da população a que o estudo se propõe estudar, de 13 a 16 anos ($M = 15$; $DP = 1,04$). Eles também responderam o questionário de capacidades e dificuldades (SDQ), assim como seus pais ou responsáveis.

A utilização de grupos focais para a criação de tais cenas é uma estratégia válida para criar situações relevantes para o contexto da vida de adolescentes (Vagos, Rijo & Santos, 2018). Os critérios de exclusão consistiram em diagnóstico de transtorno psicológico ou psiquiátrico, estar em tratamento psicológico ou uso de medicação psicofarmacológica. Cada grupo focal foi realizado de forma remota através da plataforma google meet. Inicialmente ocorreu uma psicoeducação sobre comportamentos passivos, agressivos e assertivos e em seguida realizou-se a construção de cenas que envolvessem esses comportamentos baseados nas vivências dos participantes. Cada vinheta tem o seguinte formato: um contexto, uma interação agressiva e uma resposta que poderia ser agressiva, passiva ou assertiva por parte do personagem que sofreu a agressão (foram criadas as três possibilidades para cada cena). Dessa forma, foram criadas e depois transcritas 14 cenas que em seguida foram analisadas por juízes (três psicólogos com conhecimento em habilidades sociais, estilos comportamentais e psicoterapia), que tiveram um nível de concordância Kappa de 0,90 na escolha das cenas.

Uma das cenas foi excluída por apresentar baixos níveis de representatividade, restando 13 cenas. Para os desfechos, foram selecionados três passivos, três agressivos e seis assertivos, além de um assertivo para a cena de treino. Por fim, as transcrições das cenas foram enviadas para um ilustrador profissional para a produção final das imagens para o experimento.

Foi construído um site para apresentar as cenas e realizar a coleta de dados de forma remota. Foi levado em consideração a possível variação das resoluções entre os diferentes computadores dos usuários e as imagens eram ajustadas de acordo para que coubessem na tela sem gerar distorções. Um fundo preto preencheu o restante da tela que não é coberta pela imagem.

2.3 Procedimento

Após tanto os participantes como os pais aceitarem os termos, responderem ao questionário sociodemográfico e ao SDQ, os voluntários que passaram pela triagem e correspondiam aos critérios de inclusão foram selecionados para participar da pesquisa. Então enviou-se um link com o site que utilizaram para responder à pesquisa.

Nele, cada cena foi apresentada mostrando as três imagens que aparecem na tela por oito segundos cada. Depois da exibição da cena completa, que durou 24 segundos, foram apresentadas quatro perguntas relativas às imagens apresentadas, e suas respostas foram enviadas ao servidor. As perguntas eram: Se essa mesma agressão acontecesse com você, o quanto provável seria você agir da mesma forma do personagem da última imagem? Se ao vivenciar uma situação semelhante a essa, houvesse outras pessoas observando, o quanto você agiria da mesma forma do personagem da última imagem? O quanto seria agradável para você agir igual ao personagem da última imagem? O quanto você se sentiria ansioso em agir igual ao personagem da última imagem? As respostas de cada pergunta foram selecionadas em uma escala Likert de 1 a 5: Nada provável, pouco provável, mais ou menos, provável ou muito provável para as duas primeiras perguntas, e de 1 a 5, sendo nada, pouco, mais ou menos, muito ou totalmente para as duas últimas.

Antes de seguir para a próxima cena, foi exibida uma tela com uma cruz no centro para “limpar” a visão do participante. O processo se repetiu até que as 13 cenas foram apresentadas. Por fim, foi exibido um questionário de feedback em que o usuário informou possíveis interferências em decorrência da conexão com a internet ou do ambiente em que se

encontrava, podendo informar manualmente a existência e tipo de ocorrência. O experimento foi encerrado com uma tela de agradecimento. As figuras 1, 2 e 3 apresentam um exemplo de uma vinheta completa com as três imagens, sendo a última de desfecho agressivo.



Figura 1. Imagem de contexto; O participante era instruído a se colocar no lugar do personagem que aparece indicado pela seta vermelha.



Figura 2. Imagem da agressão



Figura 3. Imagem do desfecho agressivo

3 Resultados

Primeiramente foram realizadas análises descritivas dos dados sociodemográficos e do instrumento de avaliação de personalidade (TABELA 1). A idade mínima dos voluntários foi de 13 e máxima de 16 anos ($M=14,38$ e $DP= 1,2$). Em relação ao sexo, haviam oito meninos e cinco meninas. A maioria da amostra cursa o ensino fundamental (nove participantes) e estuda em escola particular (nove participantes). A maioria tem renda de 3 a 4 salários mínimos (38,5%) e dividem a casa com quatro pessoas (38,5%). 84% relataram não ter problemas na internet, e 77% não tiveram interferências.

O SDQ foi utilizado para caracterizar a amostra de duas formas. Realizou-se a soma das quatro subescalas de problemas (com exceção da escala de comportamento pró-social) para cálculo do total de dificuldades, e o cálculo da subescala comportamento pró-social, e em seguida realizou-se a soma das subescalas hiperatividade e problemas de conduta, que somadas, permitem a caracterização de problemas comportamentais externos (PCE), e das subescalas problemas de relacionamento com os colegas e problemas emocionais que, quando somados, compõem os problemas comportamentais internos (PCI). Os PCI se caracterizam por humor deprimido e ansiedade, preocupação em demasia, medos e inseguranças, sendo,

muitas vezes, pouco evidentes, uma vez que não são externados. Em contraste, os PCE manifestam-se por meio de hiperatividade, impulsividade, comportamento desafiador, desobediência, hostilidade e agressividade.

Em seguida realizou-se comparações entre os resultados dos adolescentes e de seus pais com o uso do teste não paramétrico Wilcoxon.

O teste de Wilcoxon apresentou diferenças entre a avaliação dos adolescentes e dos pais com relação a todos os escores do SDQ, entretanto, tanto para os pais como para os próprios adolescentes, a avaliação pela mediana e quartis foi como "normal".

Assim, a amostra não apresentou dificuldades comportamentais, sinais de problemas comportamentais internalizantes ou externalizantes com características de hostilidade ou agressividade, e ainda apresentou comportamento pró-social adequado. Os comportamentos pró-sociais, especialmente da forma como são aferidos pelo SDQ, integram classes de comportamentos socialmente habilidosos, como aqueles relacionados à oferta de ajuda (Bolsoni-Silva et al., 2006). Além disso, o comportamento pró-social, como uma dimensão da competência social, tem se associado com a aceitação social e o ajustamento psicológico (Ferreira et al., 2016).

Tabela 1
Traços de personalidade da amostra

Fatores de personalidade	Média	Desvio padrão	95% intervalo de confiança	
			Limite inferior	Limite superior
Neuroticismo	14,538	1,017	12,323	16,754
Amabilidade	17,077	0,720	15,508	18,646
Abertura	14,692	0,771	13,012	16,373
Conscienciosidade	15,077	0,866	13,191	16,963
Extroversão	15,308	0,916	13,313	17,303

Tabela 2

Valores médios das variáveis comportamento pró-social, sintomas emocionais, hiperatividade, problemas de comportamento e problemas de relacionamento.

SDQ	Adolescentes			Pais			Wilcoxon	P-valor
	M	Mediana	DP	M	Mediana	DP		
PCE	6,31	6,0	2,75	3,38	3,0	2,43	-2,36	0,018
PCI	5,61	6,0	2,59	2,61	3,0	1,80	-2,84	0,005
Problemas de comportamento	11,92	13,00	4,07	6,00	6,00	3,24	-2,79	0,005
Pró-social	9,00	9,00	0,91	8,31	8,00	1,37	-1,49	0,13

Depois foram realizadas análises inferenciais. O teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov apontou boa significância para todos os dados, mas em virtude do reduzido número amostral (menor que 30), optou-se por realizar testes não paramétricos. Foi realizado teste de Friedman para comparação dos fatores do big five, e não houve diferença significativa entre os fatores ($X^2=7,058$, $p = 0,13$). Realizou-se em seguida correlação de Spearman, entre os fatores do questionário de personalidade e o questionamento sobre a possibilidade de exercer o mesmo comportamento agressivo, passivo ou assertivo do personagem das cenas dos desfechos, a possibilidade de exercer as classes de comportamento em situações sociais sendo visto por outras pessoas, a agradabilidade e ansiedade em executar as classes de comportamento. Observou-se correlação negativa e moderada entre a probabilidade dos participantes em agir de forma agressiva e o traço de neuroticismo ($R = -0,584$, $p < 0,05$). As demais correlações podem ser vistas na tabela 6.

Foram realizadas ainda comparações entre o quanto seria provável agir de forma passiva, assertiva ou agressiva como o personagem das cenas dos desfechos, agir da forma que o personagem agiria, caso existisse outras pessoas presentes na situação, a valência (agradabilidade) e a ansiedade gerada pela cena. O teste de Friedman mostrou que os adolescentes relataram diferenças em como agiriam nos diferentes desfechos ($X^2(2) = 9,1$, $p < 0,05$). O teste de comparações múltiplas mostrou que os adolescentes relataram ser mais provável agir de forma assertiva do que passiva ($p=0,018$).

Com relação a agir de forma passiva, assertiva ou agressiva se houvesse outras pessoas observando a situação, o teste de Friedman mostrou que os adolescentes relataram diferenças entre os desfechos ($X^2(2) = 7,0$, $p < 0,05$). O teste de comparações múltiplas apontou diferenças entre as cenas agressivas e assertivas ($p = 0,043$). Os adolescentes agiriam mais de forma assertiva se houvesse outras pessoas olhando, em comparação a forma agressiva. Não houve diferenças com relação ao qual agradável se sentiriam ($X^2(2) = 4,76$, $p = 0,09$) e o quão ansiosos ficariam ($X^2(2) = 4,8$, $p = 0,09$) em exercer o comportamento agressivo, passivo ou assertivo nas cenas de desfecho.

Tabela 3

Correlação de spearman entre os traços de personalidade e as perguntas

	Neuroticismo	Amabilidade	Abertura	Conscienciosidade	Extroversão
Perg.1 Desfecho Agressivo	-0,584*	-0,440	0,041	0,167	0,011
Perg.2 Desfecho Agressivo	-0,426	-0,327	-0,020	0,130	-0,152
Perg.3 Desfecho Agressivo	-,258	-,272	-,236	,124	-,376
Perg.4 Desfecho Agressivo	,399	,052	-,157	-,205	-,143
Perg.1 Desfecho Passivo	,319	-,132	,191	-,269	-,309
Perg.2 Desfecho Passivo	,378	-,233	-,006	-,349	-,271
Perg.3 Desfecho Passivo	-,215	-,378	,409	-,241	-,147
Perg.4 Desfecho Assertivo	,362	,077	-,261	-,141	-,261
Perg.1 Desfecho Assertivo	,257	,297	-,307	,197	-,307

Perg.2					
Desfecho	,335	,344	-,146	,101	-,146
Assertivo					
Perg.3					
Desfecho	-,069	,035	,484	-,166	,484
Assertivo					
Perg.4					
Desfecho	-,039	-,129	-,398	,052	-,398
Assertivo					

4 Discussão

No questionário sócio demográfico, uma das perguntas era referente a se o participante tinha algum transtorno psiquiátrico. Portanto, como os que responderam que tinham foram excluídos da amostra, podemos assumir que os participantes do estudo piloto consistiram de adolescentes sem presença de transtorno psiquiátrico, portanto não se pode atribuir nenhum dos achados à presença de algum nível clínico de algum transtorno como ansiedade ou depressão. Entramos em contato com 69 adolescentes, mas devido aos critérios de exclusão e a desistência, o número da amostra ficou em 13 participantes. Quanto às vinhetas, elas estão em processo de validação para avaliar a auto identificação com os desfechos comportamentais e reações emocionais.

A única correlação encontrada foi o do fator de personalidade Neuroticismo com a pergunta “Qual a probabilidade de agir da mesma forma” nas cenas em que a vítima reagiu de forma agressiva. Este resultado está em consonância com a literatura que aponta para uma correlação negativa do neuroticismo com o autocontrole da agressividade (Peixoto & Meneses, 2018). Ou seja, quanto maior o neuroticismo, menor a chance do indivíduo se comportar agressivamente.

O Big Five é uma taxonomia que agrupa várias características de personalidade em cinco grandes fatores. O *neuroticismo* se caracteriza como a maior propensão de um indivíduo de sentir emoções negativas como depressão, ansiedade, tristeza e alterações de humor, existindo uma correlação com aspectos negativos, como o perfeccionismo socialmente prescrito. A *extroversão* inclui acolhimento, gregariedade, capacidade de se expressar adequadamente, assertividade, segurança. Já a *amabilidade*, corresponde a confiança, altruísmo, sensibilidade, enquanto que a *conscienciosidade* se refere a competência,

persistência e comprometimento. Por fim a *abertura à mudança*, engloba a curiosidade, imaginação, criatividade (Rocha, 2021). Seria, portanto, de se esperar que fossem encontradas correlações entre estes fatores e os estilos de comportamento passivo, agressivo e assertivo, principalmente com os traços de amabilidade e extroversão. É possível que tais relações não tenham sido encontradas devido ao pequeno número amostral, permitindo apenas identificar uma relação entre o neuroticismo e o comportamento agressivo.

A agressividade em adolescentes tem uma diferença particular quando comparada com crianças, pois aqueles possuem um controle da agressividade mais maduro, já que nessa faixa etária existe consciência que sua capacidade de destruição é maior do que quando era criança e que as consequências que pode enfrentar são mais severas (Siqueira & Vendramini, 2012). Portanto, ao se colocar em situações em que agiria agressivamente em resposta a outra agressão, é de se esperar que indivíduos com maior pontuação neste traço se inibam mais que pessoas que tenham uma pontuação menor, pela experiência de uma ansiedade ou medo das consequências de agir daquela forma. Essa interpretação é reforçada pelo fato que os participantes do estudo mostraram maior tendência a agir de forma assertiva que agressiva caso houvesse outras pessoas observando a cena. Outro resultado que corrobora com essa afirmação é que, considerando apenas as cenas com desfechos nos quais a vítima reagiu de forma passiva ou assertiva, os participantes em geral indicaram ter mais chances de agir de forma assertiva que passiva.

A pergunta que se correlacionou com o traço de neuroticismo se caracteriza como uma avaliação da competência social, que tem um caráter de avaliação baseado no resultado do comportamento, o que parece ser o caso dos adolescentes da amostra.

Como a faixa etária da amostra deste estudo foi de adolescentes em período de adolescência inicial e média, pode ocorrer uma diferenciação nas interpretações de situações sociais nessas duas fases. Os que estão na adolescência média, por estarem em um nível de desenvolvimento cognitivo maior que os que estão na adolescência inicial, podem ter mais desenvolvimento sociomoral e portanto, podem ter uma tendência a dar respostas mais adaptativas (Gomes & Ghedin, 2011). Essa afirmação é reforçada pelo fato de que o córtex pré-frontal, que entre outras funções, é responsável por tomadas de decisão, termina de se desenvolver no início da idade adulta, e durante este período há vários níveis diferentes de desenvolvimento entre as idades mais jovens e as mais velhas (Miranda, 2018).

Segundo Rodrigues et al. (2007), quando crianças são solicitadas a pensar antes de agir, é mais provável que tenham um processamento mental menos impulsivo e mais consciente diante de situações estressoras. Portanto, a pergunta feita na cena, analisa a resposta do participante de forma mais consciente, não acessando o processamento da informação social mais automático, mas obtendo uma resposta mais racionalizada. É possível que em adolescentes nessa faixa etária, pelo próprio desenvolvimento cognitivo, a tendência da racionalização se mantenha.

Quando considerado quais respostas os participantes dariam quando houvesse outras pessoas olhando, o comportamento assertivo teve predominância sobre o agressivo, reforçando a influência da expectativa do julgamento social e da apreensão de arcar com as consequências de um comportamento agressivo.

A relação do neuroticismo e menor probabilidade de agir de forma agressiva, confirma a descrição do traço do neuroticismo, pois para agir desta maneira, o sujeito precisa se impor e encarar as consequências de suas ações. Ao se imaginar desempenhando tais ações, os afetos negativos como ansiedade e insegurança, podem ser despertados levando a uma inibição do comportamento. No entanto, seria esperado que houvesse uma diferença no quanto se sentiriam ansiosos ou no quão agradável seria se comportar de maneira agressiva, mas essa diferença não foi observada.

5 Conclusão

Pela literatura, esperava-se que fossem encontradas mais correlações de outros fatores com os estilos de comportamento, no entanto outras além do traço de neuroticismo e da probabilidade de agir de forma agressiva, não houveram correlações significativas, e mesmo esta, foi uma correlação moderada. Por conta disso não é possível concluir se algum fator de personalidade seria também um fator de proteção ou de risco para o desempenho social, apesar de haver uma possível indicação de que o neuroticismo pode servir como fator de proteção em relação a agir agressivamente. A falta de resultados mais conclusivos podem ser explicados pelas limitações que a pesquisa sofreu.

Entre as limitações do estudo piloto, pode-se ressaltar o baixo número de participantes (13). Devido a pandemia da COVID-19 (*Corona Virus Disease*) causada pelo coronavírus-Sars CoV-2, muitas mudanças no projeto original tiveram que ser realizadas, o que dificultou a coleta de dados. Entre as mudanças que tiveram de ser implementadas, se

pretendia usar um aparelho de eyetracking tobii x-300, que permitiria acessar processos mais automáticos do processamento de informação social, mas a utilização do mesmo foi impossibilitada por não ser possível levar voluntários para o laboratório para coleta de forma presencial, levando a necessidade de procurar alternativas. O recrutamento de voluntários também foi gravemente afetado, pois os participantes precisavam ter acesso a um computador com webcam, já que utilizamos um eye-tracker por webcam, mas este não teve resultados utilizáveis para este estudo, e muitos foram excluídos da amostra por conta disso. Seria importante avaliar os resultados com uma amostra mais representativa para obtenção de resultados mais generalizáveis.

Outro fator que pode ter influenciado nos resultados é que todos os participantes responderam remotamente, de forma que não foi possível ter um controle maior de como eles visualizam as cenas. Além disso, pela condição de coleta remota, é possível que tenha ocorrido interrupções, ambiente não ter sido adequado ou mesmo ter surgido dúvidas com relação a tarefa no momento exato da coleta. Portanto, é recomendado uma replicação com uma população maior e maior controle das variáveis para confirmar os resultados obtidos.

É importante ressaltar que este estudo foi realizado no contexto da pandemia do COVID-19 que mudou drasticamente as interações sociais dos adolescentes, podendo inclusive aumentar a vulnerabilidade dessa população a estresse e ideação suicida (Deslandes & Coutinho, 2020). Portanto é provável que os resultados estejam influenciados por esse contexto.

Outra limitação importante foi a ausência da avaliação de alguma medida do grau da interação social para as cenas, e de habilidades sociais na amostra, é possível que medidas dessa natureza contribuam para compreensão do padrão de respostas.

Em suma, a proposta de utilizar vinhetas com imagens de interação social apresentou bons resultados iniciais como uma forma de avaliação ecológica, mais próxima a realidade dos adolescentes, sendo necessário a continuidade de pesquisas nessa direção.

Referências

- Bartholomeu, D., Nunes, C. H. S. da S., & Machado, A. A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *PsicoUSF*, 13(1), 41-50
- Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., & Manfrinato, J. W. S. (2006). Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: Comparando avaliações

de mães e de professoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3),460-469. doi: 10.11606/t.59.2003.

Bueno, J. M. H., Oliveira, S. M. S. S. & Oliveira, J. C. S. (2001). Um estudo correlacional entre habilidades sociais e traços de personalidade com universitários. *PsicoUSF*, 6, 31-38

Collins, M. D., Jackson, C. J., Walker, B. R., O'Connor, P. J., & Gardiner, E. (2017). Integrating the context-appropriate balanced attention model and reinforcement sensitivity theory: Towards a domain-general personality process model. *Psychological Bulletin*, 143(1), 91.

da Silva Maia, D., & Bortolini, M. (2012). O desenvolvimento da habilidade de assertividade e a convivência na escola. *Psicologia em revista*, 18(3), 373-388.

Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2479-2486. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2017). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Editora Vozes Limitada.

Du, T. V., Yardley, A. E., & Thomas, K. M. (2020). Mapping big five personality traits within and across domains of interpersonal functioning. *Assessment*, 1073191120913952.

Ferreira, T., Cadima, J., Matias, M., Vieira, M., Leal, T., & Matos, P. M. (2016). Preschool children's prosocial behavior: The role of mother-child, father-child and teacher-child relationships. *Journal of Child and Family Studies*, 25(6),1829-1839. doi: 10.1007/s10826-016-0369-x

Fleitlich, B., Cortázar, P.G., & Goodman, R. (2000). Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). *Infanto - Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, 8, 44 –50.

Gomes, R. C. S., & Ghedin, E. (2011). O desenvolvimento cognitivo na visão de Jean Piaget e suas implicações a educação científica. *Actas do VIII ENPEC–Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, 5-9.

Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of child psychology and psychiatry*, 38(5), 581-586. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x>

Gouveia, V. V., Araújo, R. D. C. R., de Oliveira, I. C. V., Gonçalves, M. P., Milfont, T., de Holanda Coelho, G. L., ... & Gouveia, R. (2021). A Short Version of the Big Five Inventory (BFI-20): Evidence on Construct Validity. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 55(1), e1312-e1312.

Grillo, C.F.C.; Cadete, M. M. M.; Ferreira, R.A.; Guimarães, P.R. & Miranda, S.M. (2012). *Saúde do adolescente*. Belo Horizonte: Nescon, UFMG.

John, O. P., & Srivastava, S. (1999). *The Big-Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives* (Vol. 2, pp. 102-138). Berkeley: University of California.

Machado, S. F., Alves, S. H. D. S., & Caetano, P. F. (2020). Relação entre habilidades sociais, estresse, idade, sexo, escola e série em adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32, 210-217. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32_i-esp/39792

Miranda, D. S. (2018). Marcadores funcionais da atividade elétrica do córtex cerebral para identificar atrasos no desenvolvimento de funções executivas no córtex pré-frontal em adolescentes.

Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrole. *Análise psicológica*, 28(2), 245-254. DOI: <https://doi.org/10.14417/ap.278>

Mota, C. P., & Ferreira, S. D. (2019). Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos. doi: 10.14417/ap.1548

Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (2018). Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade e as Habilidades Sociais: Revisão das Relações. *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 6, 1-32.

Prette, Z. A. P. D., Barreto, S. de O., & Freitas, L. C. (2012). Habilidades sociais na comorbidade entre dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento: uma avaliação multimodal. *Psico*, 42(4). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/7593>

Rocha, A. S. (2021). Perfeccionismo e a relação com psicopatologias: Estudo integrativo. *Research, Society and Development*, 10(2), e59410213033-e59410213033. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.13033>

Rodrigues, M. C., Oliveira, P. A. D., Rubac, J. S., & Tavares, A. L. (2007). Literatura infantil, teoria da mente e processamento de informação social. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11, 77-88. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100008>

Silva, J. R. L. A. D., Pereira, V. A., & Donatto, M. L. (2021). Habilidades Sociais e Acadêmicas de Crianças e Adolescentes em Instituições de Acolhimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003203205>

Siqueira, J. M. D. S., & Vendramini, C. M. M. (2012). Agressividade e inteligência na adolescência. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(2), 215-232.

Teixeira, C. M., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2016). Assertividade: uma análise da produção acadêmica nacional. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 18(2), 56-72. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i2.883>

Vagos, P., Rijo, D., & Santos, I. M. (2018). Garantir a validade de conteúdo na construção de instrumentos: O caso do Cenas para Processamento de Informação Social na Adolescência. *Psychologica*, 61(1), 51-67.